

O uso da Análise de Correspondências Múltiplas nas Ciências Sociais: possibilidades de aplicação e exemplos empíricos

Edison Bertencelo

O trabalho tem como principal objetivo descrever algumas das possibilidades associadas ao uso da *Análise de Correspondências Múltiplas* (ACM) combinado com a *Análise de Classificação Hierárquica* (ACH) para a pesquisa em Ciências Sociais, exemplificando-as com uma investigação empírica das relações entre gosto musical e pertencimento social. Entre tais possibilidades, está o uso a que se presta a combinação dessas técnicas para a operacionalização de uma “concepção relacional do social”, que é uma característica importante do pensamento social.

A ACM é parte de um conjunto mais amplo de técnicas denominado *Análise Geométrica de Dados*, que busca descrever e analisar as relações entre um grande número de variáveis e suas categorias (as chamadas “modalidades”) por meio de medidas espaciais como a distância euclidiana e a dispersão ao longo de eixos principais (ROOSE, 2016).¹ Difere, nesse sentido, de outras técnicas disponíveis nas Ciências Sociais, cujo emprego possibilita “isolar” variáveis “dependentes” e “independentes” para, então, medir o efeito destas sobre aquelas. Na ACM, as relações entre as variáveis e suas modalidades podem ser visualizadas por meio das *distâncias relativas* que as separam na chamada “nuvem de modalidades” [*cloud of modalities*], formada pelo cruzamento entre eixos do espaço de correspondências. Além disso, a ACM permite projetar os indivíduos nesse espaço, dando origem à “nuvem de indivíduos” [*cloud of individuals*]. Nela, as distâncias relativas entre eles refletem a dissimilaridade com respeito aos valores nos indicadores incluídos na análise.

¹ Para outras referências sobre o tema, ver BENZÉCRI, 1992; GREENACRE, 2007; LE ROUX e ROUANET, 2004, 2010.

Nas Ciências Sociais, a ACM é considerada uma técnica bastante adequada para operacionalizar uma “concepção relacional do social”, tal como encontrado (mas não apenas) nos estudos sobre classe social e distinção simbólica de Pierre Bourdieu (FLEMMEN, 2013). Essa lógica *relacional* implica que as práticas sociais não têm significado em si mesmas, mas apenas em contraste ou em relação com outras. No que se refere ao “consumo cultural”, por exemplo, uma análise relacional não se preocuparia apenas em mensurar o peso de certas variáveis na explicação da probabilidade de um indivíduo “consumir” determinado bem cultural (por exemplo, ir a óperas). Ao invés, a ênfase recairia sobre as relações entre as práticas disponíveis no campo cultural: por exemplo, ir a óperas em relação a ir a shows de rock, ou visitar museus, frequentar (certos) restaurantes, praticar (determinados) esportes etc. Em função disso, o uso da ACM possibilita minimizar os riscos de uma *leitura substancialista* da relação entre uma dada prática e uma dada categoria social (como, por exemplo, se o gosto pela música erudita fosse sempre um indicador preciso de um pertencimento de classe específico). Por meio da observação das proximidades ou distâncias relativas das modalidades no espaço de correspondências, é possível reconstruir *indutivamente* as principais oposições entre conjuntos de práticas sociais e seus agentes.

Como a exemplificação das possibilidades oferecidas pela ACM em combinação com a ACH para a pesquisa social se baseará, neste trabalho, na investigação da relação entre gosto musical e pertencimento social, apresentarei brevemente as principais teorias sociológicas que tentam explicar a estratificação social do consumo cultural. A seguir, as hipóteses dessas teorias serão submetidas à prova empírica, lançando mão dos dados de uma pesquisa de *survey* denominada *Públicos de Cultura* que serão analisados por meio da referida combinação de técnicas.

Há três perspectivas principais que buscam dar conta da relação entre consumo cultural e pertencimento social. A chamada “tese das homologias” sublinha as possíveis *correspondências estruturais* entre o espaço dos estilos de vida e o espaço das posições sociais. Tais “correspondências estruturais”, mediadas pelas disposições incorporadas pelos agentes, implicam que as práticas sociais tenderiam a expressar, conforme as lógicas específicas aos diferentes campos em que a vida social se organiza (político, econômico, cultural etc.), os mesmos esquemas subjacentes de percepção e classificação. Como consequência, as práticas dos agentes nos diferentes campos sociais se organizariam através de oposições que são *homólogas* entre si e também *homólogas* em relação ao conjunto das posições sociais (LIZARDO; SKILES, 2016).

Diferentemente, a perspectiva acerca do “onivorismo cultural”, termo cunhado nos estudos de Richard Peterson sobre o gosto musical (PETERSON, 2005), sugere que os repertórios de práticas culturais seriam crescentemente “marcados tanto pela maior amplitude de gostos e participação quanto pela disposição em transgredir fronteiras previamente bem delimitadas entre gêneros e bens culturalmente hierarquizados.” (KARADEMIR, WARDE, 2016). Produto de um suposto realinhamento entre posições sociais e práticas culturais, o *ecletismo cultural* que caracterizaria tais repertórios seria um aspecto cada vez mais importante dos estilos de vida dos grupos sociais que ocupam as posições mais elevadas na estrutura social.

Por fim, há um conjunto de argumentos que sublinham a crescente individualização das desigualdades no contexto das mudanças associadas à “alta modernidade” ou “modernidade tardia” (GIDDENS, 2002). Contextos tradicionais da ação (como classe social, *status*) teriam um peso cada vez menor na conformação dos estilos de vida e das escolhas de consumo. Consequentemente, o consumo seria cada vez menos um domínio em que as desigualdades sociais de vários tipos seriam produzidas e reproduzidas, e cada

vez mais um domínio em que são construídas as chamadas “narrativas particulares da autoidentidade” (GIDDENS, 2002).

Nossa hipótese, informada por diversos estudos sobre o tema e testada aqui por meio da Análise de Correspondências Múltiplas, nos autoriza postular que as expectativas levantadas pela “tese das homologias” nos permitem uma melhor aproximação dos processos empíricos que conectam gosto musical e posição social.

Dados e discussão dos principais resultados

Este trabalho utiliza dados estatísticos (secundários) do *survey* “Públicos de Cultura” (2013), organizado pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC, que teve como propósito investigar dimensões dos usos do tempo livre, especialmente o consumo cultural. A referida pesquisa baseou-se na aplicação de questionários estruturados a uma amostra de 2400 pessoas, representativa da população adulta brasileira (com 16 anos ou mais). Além de fornecer informações que permitem reconstruir o perfil social e demográfico dos respondentes, o questionário aborda as *preferências por diferentes gêneros de bens culturais* (ex. músicas, programas de TV e literárias, filmes etc.).²

Como já adiantei, o método principal para análise e interpretação dos dados é a ACM (Análise de Correspondências Múltiplas), que é uma técnica estatística bastante útil para revelar padrões subjacentes à distribuição de dados categóricos. Com base nela, podemos examinar as relações entre as categorias (ou modalidades) das variáveis incluídas na análise e, então, identificar os eixos que as separam relacionalmente, traçando com isso as distâncias ou proximidades relativas entre elas. O estudo emprega

² As questões sobre preferências culturais foram aplicadas à metade da amostra. Mais informações em: <http://www.nadd.prp.usp.br/cis/DetailBancoDados.aspx?cod=B523&lng=pt-BR> (acesso em 20/08/2016).

um modelo em que as variáveis que mensuram o gosto musical são inseridas como *ativas*, que são aquelas consideradas para a *construção dos eixos* e para o *cálculo das distâncias relativas*, enquanto as variáveis de perfil (nível de escolaridade, renda domiciliar, idade, gênero etc.) são inseridas como *suplementares*, que não interferem no cálculo das distâncias relativas e na orientação dos eixos.

Com base nos dados do *survey* Públicos de Cultura, é possível observar que cerca de 60 gêneros e subgêneros musicais foram mencionados pelos indivíduos da amostra quando perguntados sobre o(s) tipo(s) de música que mais gostavam de ouvir.³ São poucos os indivíduos que relataram não gostar de ouvir música ou, mesmo, que gostam de qualquer uma. Como podemos observar na tabela a seguir, uma proporção pequena da amostra (10%) não mencionou nenhum gênero musical específico (tendo respondido que não gosta de ouvir música ou que gosta de qualquer uma). Quase ¼ da amostra mencionou apenas um gênero e mais de 35% mencionou três ou mais gêneros musicais preferidos. Entre eles, destacam-se o sertanejo (40,4%), evangélica/gospel (25,9%), MPB (22,9%), forró (19,9%) e pagode (16,5%).

³ A questão está formulada da seguinte maneira: “Você gosta de ouvir música? Que tipos de música você gosta de ouvir? Qual mais?” Trata-se de uma questão aberta e de múltipla resposta, que, portanto, não obriga o respondente a escolher entre um número pré-definido de categorias de resposta já pré-codificadas. Se essa estratégia de operacionalização da questão permite captar mais adequadamente a diversidade de gêneros e subgêneros musicais preferidos (reveladora da própria do conhecimento dos agentes sobre as possibilidades oferecidas pelo campo), ela impede que se apreenda adequadamente as rejeições, profundamente imbricadas nas disputas em torno do valor simbólico de diferentes gêneros ou produtos musicais.

Tabela 1 – Números absolutos e relativos de menções aos principais gêneros ou subgêneros musicais preferidos:

Gênero/subgênero	N	%
<i>Sertanejo</i>	485	40,4
<i>Evangélica</i>	310	25,9
<i>MPB</i>	275	22,9
<i>Forró</i>	239	19,9
<i>Rock</i>	206	17,2
<i>Pagode</i>	198	16,5
<i>Samba</i>	110	9,2
<i>Funk</i>	107	8,9
<i>Clássica</i>	87	7,3
<i>Eletrônica</i>	68	5,7
<i>Rap</i>	67	5,6
<i>Brega</i>	60	5,0
<i>Reggae</i>	58	4,8
<i>Romântica</i>	45	3,8
<i>Jazz/Blues</i>	42	3,5
<i>Samba de Raiz</i>	41	3,4
<i>Country</i>	34	2,9
<i>Instrumental</i>	28	2,4
<i>Não gosta de música</i>	21	1,8
<i>Qualquer uma</i>	98	8,2
<i>Música1 (1 gênero musical mencionado)</i>	287	24
<i>Música2</i>	357	29,8
<i>Música3</i>	241	20,1
<i>Música4+</i>	195	16,2

O uso da ACM para análise dos dados sobre gosto musical nos possibilita apreender as *relações* entre diversas preferências musicais (por exemplo, relação entre gostar de sertanejo e gostar de rock), por meio da “nuvem de modalidades”, e as *relações* delas com as propriedades sociais dos agentes, por meio da “nuvem de indivíduos”. Os padrões subjacentes à distribuição das modalidades podem ser apreendidos pela observação das distâncias relativas ao longo dos *eixos* que as separam no espaço de correspondências. Quanto mais dissimilar a distribuição de duas modalidades, maior a distância relativa entre elas.

A variância total (denominada de *inércia* na AGD) pode ser decomposta ao longo de eixos principais.⁴ A decisão sobre quantos eixos interpretar depende da proporção da inércia contida em cada um e da pertinência teórica das oposições apreendidas em cada um deles (LE ROUX; ROUANET, 2010).⁵ Convencionalmente, são considerados os valores inerciais modificados, pois os não modificados tendem a subestimar a importância dos eixos iniciais (BENZÉCRI, 1992). Com base na leitura das informações trazidas pela tabela abaixo, decidiu-se reter três eixos para interpretação, que “explicam”, respectivamente, 59,8%, 27,8% e 11,5% da variância total.

Tabela 2 – Principais resultados para a caracterização dos eixos da ACM:

Eixo	Eigenvalues	% da inércia	% da inércia acumulada	Eigenvalues modificados	% modificada da inércia	% da inércia modificada acumulada
1	0,1554	15,54	15,54	0,0050	59,82	59,82
2	0,1350	13,50	29,04	0,0023	27,88	87,71
3	0,1193	11,93	40,97	0,0010	11,57	99,27
4	0,0980	9,80	50,77	0,0001	0,73	100

A interpretação de cada eixo, por sua vez, depende da leitura das informações sobre as *contribuições* e *localizações* relativas das modalidades das variáveis *ativas* em cada um dos eixos.⁶ Consideram-se para interpretação as modalidades cujas contribuições excedem o valor médio ($100/22 = 4,54$, sendo 22 o número de *modalidades ativas*). Conforme argumenta Benzécri, “interpretar um eixo implica descobrir o que é similar, de um lado, entre todos os elementos que estão à direita da origem e, de outro, entre todos os elementos que estão à esquerda dele; e expressar, com concisão e precisão, o contraste

⁴ A variância total ou inércia é igual ao número médio de categorias ou modalidades por variável (questão) menos 1. Em nosso caso, isso equivale a $(22/11) - 1$.

⁵ Le Roux e Rouanet referem-se a esse critério usando o termo “*interpretability*”, que tem a ver com a possibilidade de interpretação, com base nas teorias existentes, dos padrões de distribuição das modalidades reveladas por cada eixo.

⁶ A contribuição de um ponto para um eixo depende de sua distância em relação à origem do eixo e de seu peso.

(ou oposição) entre os dois extremos.” (1992, p. 405; apud Le Roux & Rouanet, 2004; p. 49; tradução própria).

Seguindo essa orientação, vemos que o primeiro eixo expõe uma primeira divisão entre os que mencionam um ou mais gêneros musicais e os que não mencionam nenhum ou apenas música evangélica (ver tabela 3 e figuras abaixo). Ou seja, trata-se aqui provavelmente de uma divisão baseada no conhecimento musical.

Tabela 3 – Contribuições das modalidades ativas para os eixos da ACM:

Variáveis e modalidades	Contribuições das modalidades		
	Eixo 1	Eixo 2	Eixo 3
rock			
rock-	0,37	5,87	0,02
rock+	1,56	24,91	0,08
TOTAL	1,93	30,79	0,09
sertanejo			
sertanejo-	1,24	6,40	5,97
sertanejo+	1,52	7,85	7,32
TOTAL	2,75	14,24	13,29
clássica			
clássica-	0,06	0,90	0,02
clássica+	0,65	10,23	0,22
TOTAL	0,71	11,13	0,23
funk			
funk-	2,29	0,20	1,36
funk+	20,86	1,80	12,42
TOTAL	23,15	2,00	13,78
evangélica/gospel			
evang-	3,58	0,01	4,52
evang+	8,88	0,03	11,22
TOTAL	12,45	0,04	15,74
mpb			
mpb-	0,13	5,91	3,00
mpb+	0,38	17,30	8,77
TOTAL	0,51	23,21	11,77
forró			
forró-	1,01	1,83	1,87
forró+	3,57	6,43	6,59

TOTAL	4,58	8,25	8,46
-------	------	------	------

samba

samba-	0,80	0,23	1,21
samba+	7,06	2,04	10,63
TOTAL	7,86	2,27	11,84

pagode

pagode-	3,95	0,24	0,05
pagode+	17,58	1,08	0,23
TOTAL	21,53	1,32	0,28

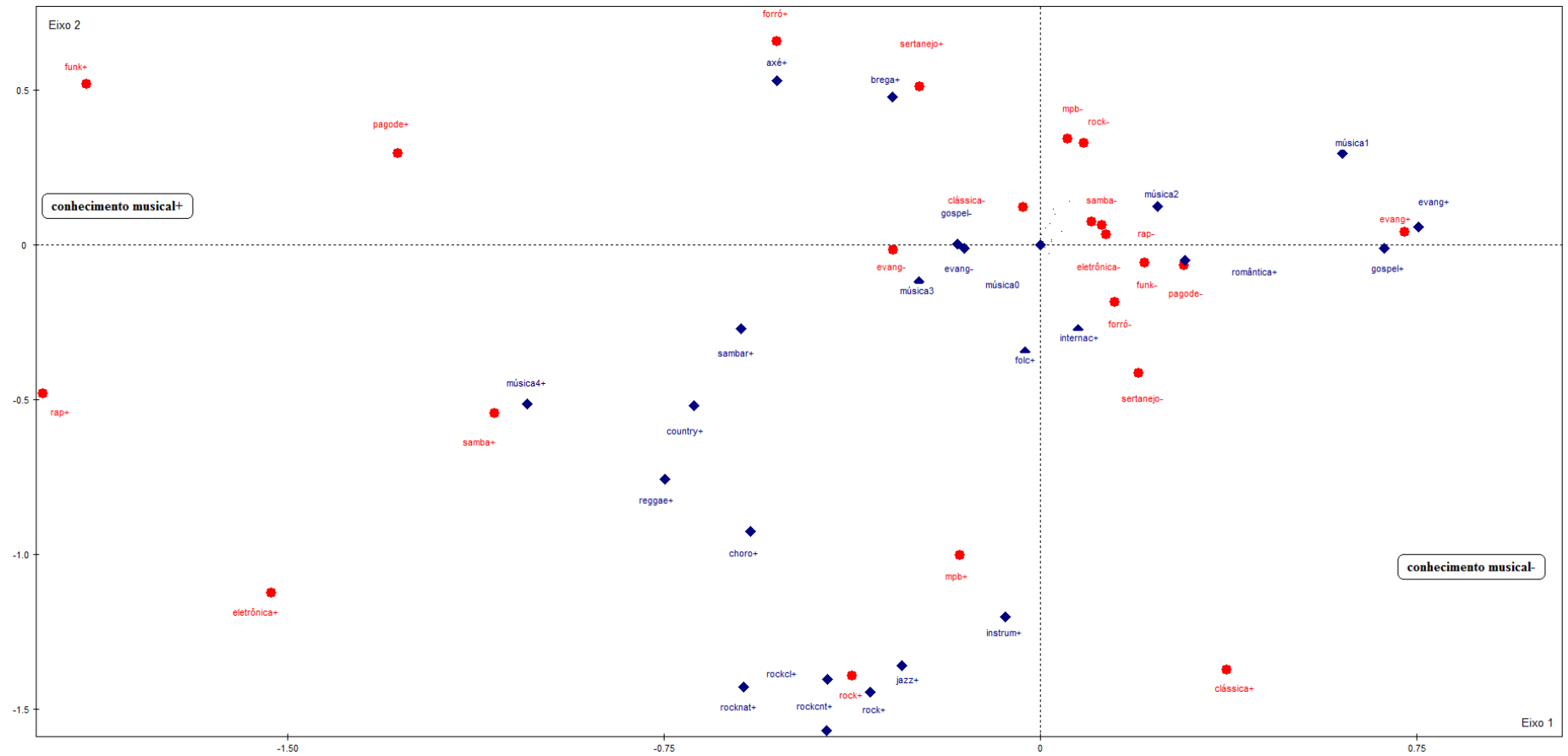
eletrônica

eletrônica-	0,58	0,36	0,14
eletrônica+	8,64	5,36	2,09
TOTAL	9,22	5,72	2,23

rap

rap-	0,95	0,06	1,38
rap+	14,34	0,97	20,89
TOTAL	15,29	1,03	22,28

Figura 1 – Mapa de gostos musicais, exibindo as modalidades que contribuem para o eixo 1:



Nota: modalidades ativas em vermelho; modalidades suplementares em azul.

Figura 2 – Mapa de gostos musicais, exibindo as modalidades que contribuem para o eixo 2:

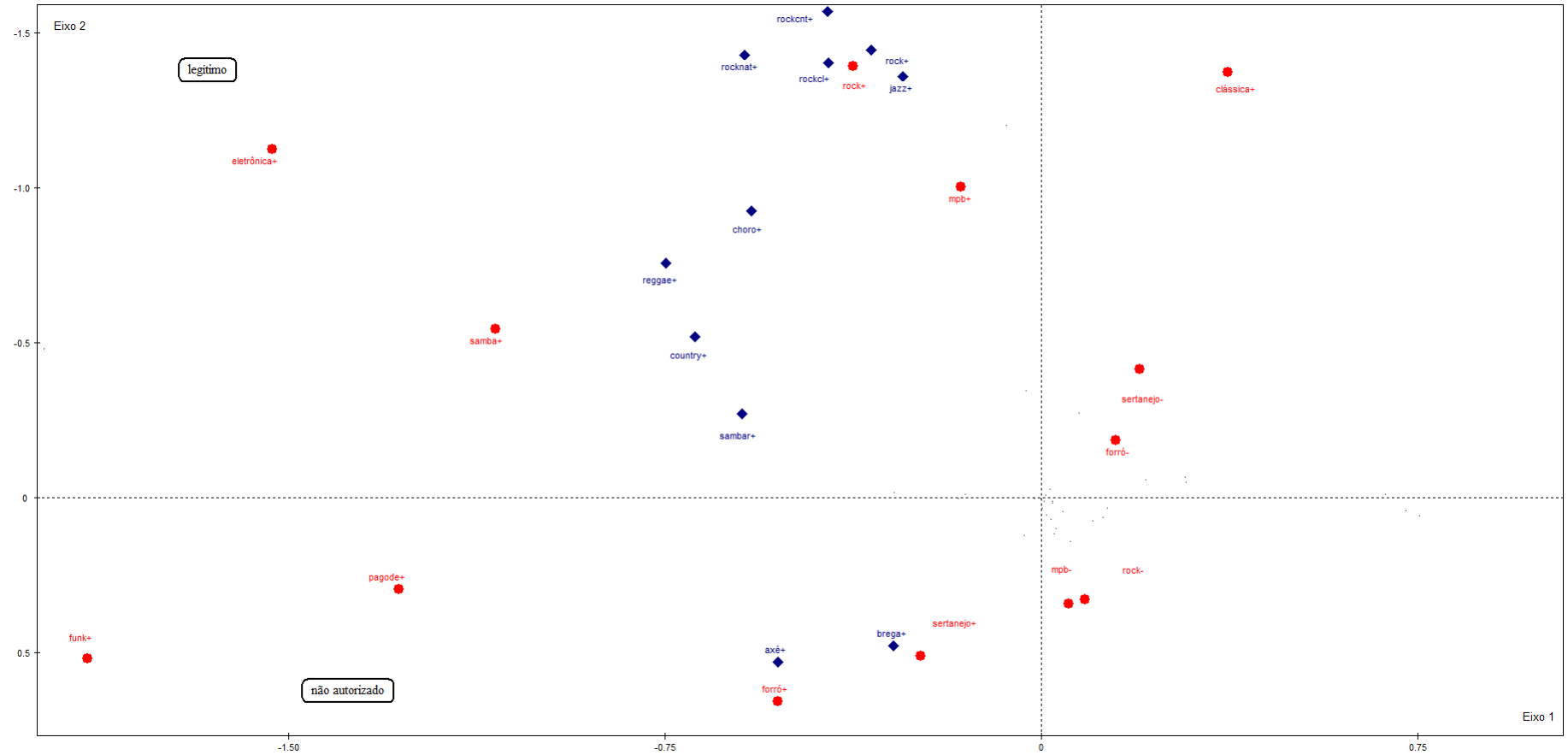


Figura 3 – Mapa de gostos musicais, exibindo as modalidades que contribuem para o eixo 3:

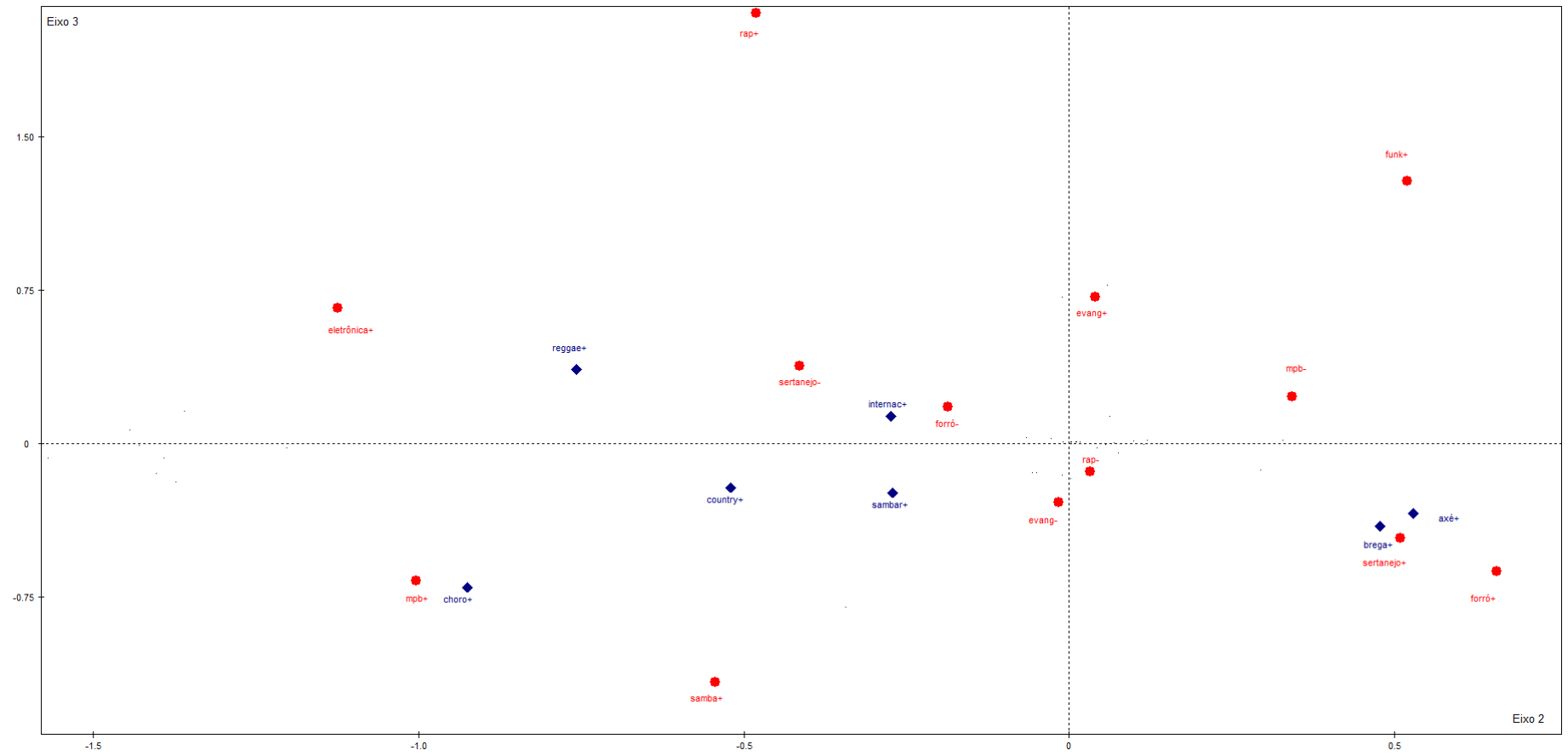


Figura 4 – Mapa de gostos musicais, exibindo as modalidades suplementares no eixo 1:

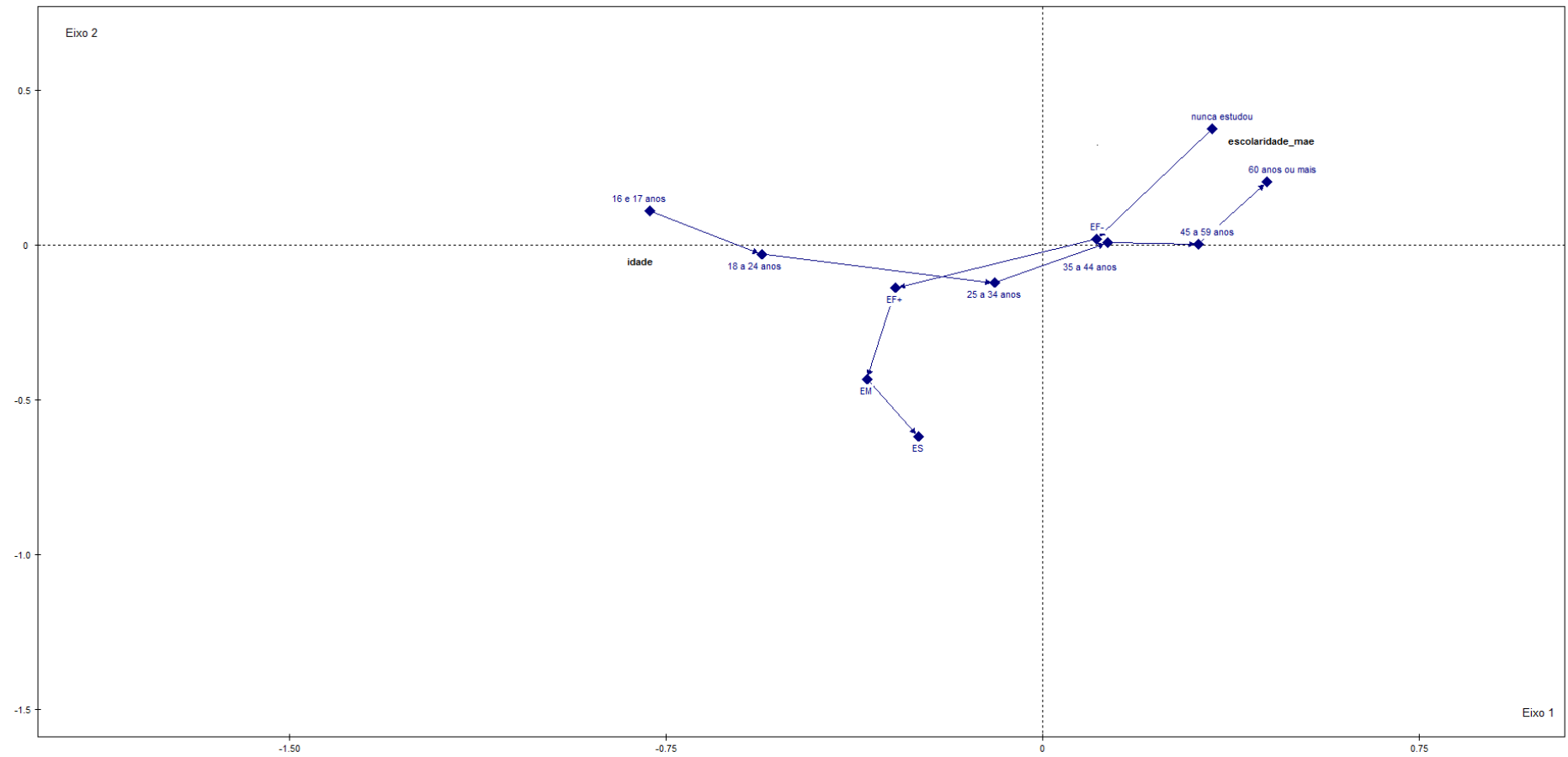


Figura 5 – Mapa de gostos musicais, exibindo as modalidades suplementares no eixo 2:

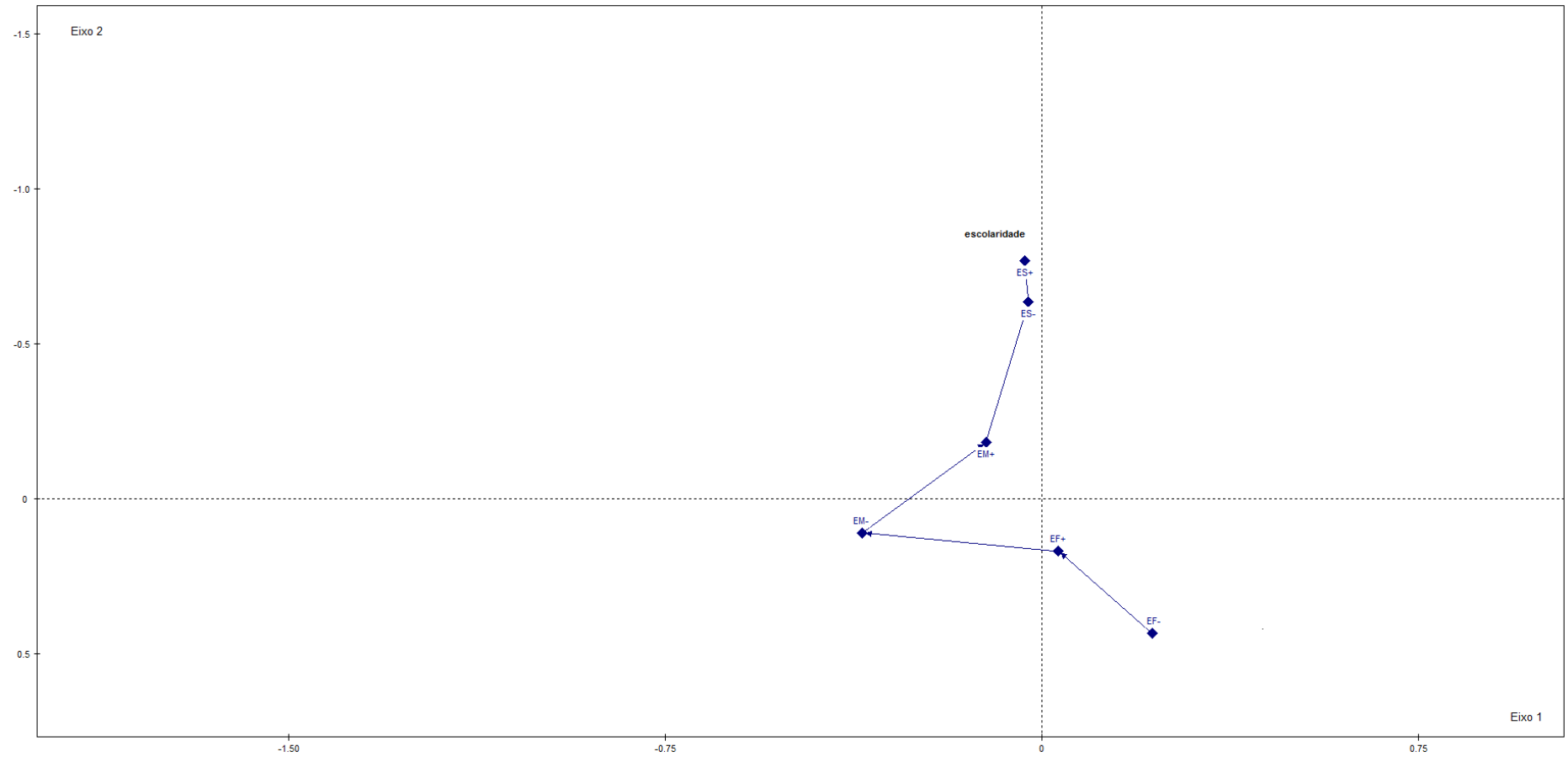
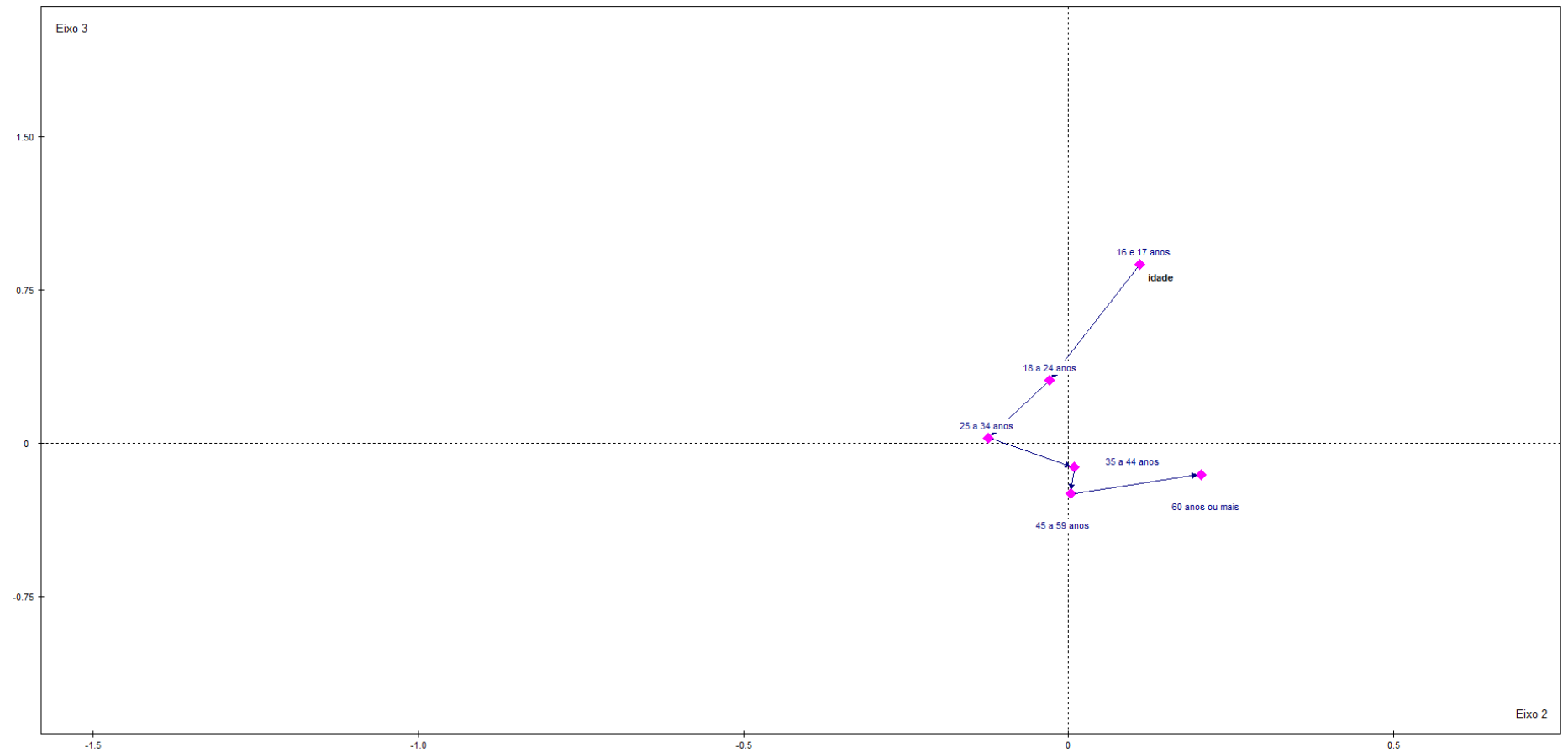


Figura 6 – Mapa de gostos musicais, exibindo as modalidades suplementares no eixo 3:



O segundo eixo é revelador de uma oposição entre diferentes preferências musicais, evidenciando provavelmente algumas das *hierarquias culturais* existentes no campo musical (figura 2). De um lado, temos as preferências pelo rock (em seus diferentes subgêneros: clássico, contemporâneo, nacional, cujas modalidades foram inseridas como *suplementares*), por música clássica e MPB (as modalidades indicativas de preferência pelo jazz, choro e samba ocupam posições relativas vizinhas); do outro, as modalidades indicativas das preferências por sertanejo, forró, pagode e funk (assim como por brega e axé)⁷.

De forma similar, o terceiro eixo (figura 3), que “explica” uma proporção menor da variância, evidencia outro tipo de divisão entre conjuntos de preferências musicais: de um lado, as preferências por gêneros como o rap e o funk, e de outro, a preferência por gêneros como o sertanejo, a MPB e o samba.

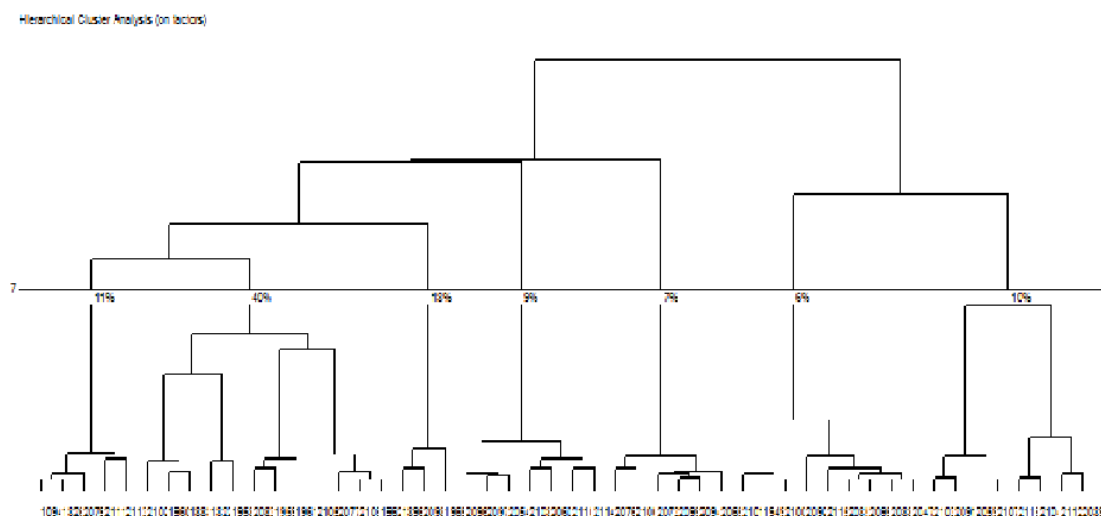
Com a sobreposição das variáveis suplementares que mensuram algumas das características sociais dos agentes, podemos observar quais variáveis estão associadas a cada uma das dimensões ou eixos apreendidos pela ACM. Consideremos apenas três dessas variáveis suplementares: sexo, escolaridade e idade. Vemos que o primeiro eixo está correlacionado com a idade do indivíduo (a distância entre as duas categorias extremas é maior do que 1 o que a literatura considera como “grande”), assim como o terceiro eixo, e com a escolaridade da mãe (indicador de origem social) (figura 4). O segundo eixo, por sua vez, está fortemente correlacionado com a escolaridade do indivíduo. A variável “sexo” não está correlacionada com nenhum dos eixos considerados, o que indica que as oposições entre preferências musicais apreendidas pelos eixos considerados provavelmente não estão associadas ao sexo do indivíduo.

⁷ As modalidades indicativas de preferências pelo jazz, choro, brega e axé foram inseridas como suplementares porque apresentaram frequências abaixo de 5% da amostra, que é convencionalmente o “corte” estabelecido para inclusão como variável ativa.

A utilização complementar da ACM com a Análise de Classificação Hierárquica (tipo de análise de *cluster*) tende a produzir ganhos heurísticos consideráveis. Enquanto “a utilização da ACM revela-se insubstituível pelas suas capacidades de descrição em forma de continuum... a utilização da classificação hierárquica permite ultrapassar algumas das dificuldades decorrentes da aplicação exclusiva da ACM, nomeadamente as que passam pela interpretação de proximidades geradas por fatores para além do plano principal e pela compressão excessiva e deformação dos dados.” (PEREIRA, 2005, 198)

A decisão sobre quantos *clusters* considerar baseia-se fundamentalmente na observação de um dendograma resultante da ACH. Em geral, decide-se por efetuar o “corte” na porção do dendograma em que é maior a distância relativa entre os “nós”, de forma a garantir que haja maior homogeneidade interna a cada *cluster* e maior heterogeneidade entre eles (ver figura abaixo). São também considerados, para a efetuação do “corte”, os valores de decomposição da inércia e a razão entre a inércia entre *clusters* e a inércia total. Os valores considerados para a ACH são aqueles referentes às localizações relativas dos indivíduos em todos os eixos da ACM (neste caso, 11 eixos).

Neste estudo, o uso complementar dessas técnicas possibilita classificar conjuntos de agentes conforme as lógicas relacionais reveladas pelos eixos antes descritos. São considerados sete *clusters* (ver figura abaixo), que denominarei de *zonas*, porque correspondem a regiões do “mapa” de gostos musicais antes construído. Tais zonas correspondem a conjuntos prováveis de preferências musicais. Alternativamente, poderíamos denominá-los de “comunidades de gosto”, seguindo indicações recentes na literatura sobre o tema (SAVAGE e GAYO-CAL, 2011).

Figura 7: Dendrograma

A caracterização das zonas será feita com base na leitura dos valores-t [*t-values*], calculados com base nas diferenças entre as proporções de uma modalidade em um agrupamento (*cluster*) e sua distribuição na amostra.

A zona um, que abriga a maior parte da amostra (33%), está organizada em torno da preferência pelo sertanejo, combinada com as preferências pelo forró ou, em menor medida, pelo brega, gêneros e combinações que são tanto mais frequentes quanto maior a destituição do agente em termos de capital cultural e de capital econômico.⁸

Tabela 4: Modalidades que caracterizam a zona 1 do “mapa” de gostos musicais:

Variáveis	Modalidades	% da modalidade no grupo	% da modalidade na amostra	% do grupo na modalidade	Valor-t
sertanejo	sertanejo+	67,17	44,97	54,62	11,16
forró	forró+	31,57	22,07	52,30	5,57
brega	brega+	8,84	5,45	59,32	3,52
gêneros musicais	um gênero	43,18	26,87	58,76	9,01
escolaridade	ensino fundamental	41,41	29,09	52,06	6,65

⁸ São elevadas as proporções de indivíduos nesta zona do espaço que possuem, no máximo, o ensino fundamental incompleto (41% ante 29% na amostra) e daqueles cujos pais nem sequer frequentaram a escola (22% ante 16% na amostra).

A segunda zona de maior tamanho (que abarca quase 20% da amostra) é caracterizada pela preferência pela música evangélica (quase 75% dos que nomearam este gênero musical como seu preferido estão aqui localizados), que tende a ser o único gênero musical mencionado. Tal conjunto de preferências tende a ser mais frequente quanto maior a destituição em termos dos capitais econômico (renda) e cultural (escolaridade), entre indivíduos do sexo feminino, de maior idade, e entre os de filiação religiosa de vertente (neo)pentecostal.

Tabela 5: Modalidades que caracterizam a zona 2 do “mapa” de gostos musicais:

Variáveis	Modalidades	% da modalidade no grupo	% da modalidade na amostra	% do grupo na modalidade	Valor-t
gospel1	gospel+	65,22	19,21	72,12	18,31
evang	evang+	59,57	16,53	76,54	17,96
rock	rock-	100,00	80,79	26,29	10,28
sertanejo	sertanejo-	80,00	55,03	30,87	8,78
gêneros musicais	um gênero	40,87	26,87	32,30	5,16
escolaridade_mãe	nunca estudou	32,61	21,61	32,05	4,33

A zona três abrange uma porção menor da amostra, em torno de 7% dos indivíduos. Está organizada em torno do gosto pelo samba (quase 80% dos que mencionaram gostar deste gênero estão aqui localizados), pelo pagode, por MPB e, em menor medida, pelo forró. São relativamente elevadas as proporções dos que mencionam três ou mais gêneros musicais (70% ante 40% na amostra), evidenciando maior conhecimento do campo musical. O protagonismo nesta zona do “mapa musical” cabe aos indivíduos com perfil médio de escolaridade e renda (ensino médio completo e estrato de renda médio-alto).

Tabela 6 – Modalidades que caracterizam a zona 3 do “mapa” de gostos**musicais:**

Variáveis	Modalidades	% da modalidade no grupo	% da modalidade na amostra	% do grupo na modalidade	Valor-t
samba	samba+	100,00	10,16	78,18	21,79
gêneros musicais	4 ou mais gêneros	38,37	18,01	16,92	4,57
pagode	pagode+	38,37	18,37	16,58	4,46
mpb	mpb+	44,19	25,58	13,72	3,81
escolaridade	EM+	43,02	29,46	11,60	2,68

As preferências pelo funk, rap e, em menor medida, pelo pagode e pelo reggae, além da ausência de menções a gêneros como a música clássica, a MPB, o samba e a música evangélica, estruturam a zona quatro (note-se que quase 75% dos que mencionaram os dois primeiros gêneros como seus preferidos estão aqui localizados). Tal conjunto de preferências é mais comum entre os indivíduos dotados de credenciais escolares médias (especialmente o ensino médio incompleto), estudantes e jovens.

Tabela 7 – Modalidades que caracterizam a zona 4 do “mapa” de gostos**musicais:**

Variáveis	Modalidades	% da modalidade no grupo	% da modalidade na amostra	% do grupo na modalidade	Valor-t
funk	funk+	78,00	9,60	75,00	18,29
rap	rap+	49,00	6,09	74,24	13,53
pagode	pagode+	46,00	18,37	23,12	6,63
idade	16 e 17 anos	20,00	4,52	40,82	6,00
idade	18 a 24 anos	40,00	16,53	22,35	5,84
escolaridade	EM-	26,00	11,63	20,63	4,10

A zona cinco, que abrange cerca de 5% da amostra, é a que mais se aproximaria da figura do “onívoro cultural”. É elevada a proporção dos que mencionam gostar de quatro gêneros musicais ou mais (50% ante 18% na amostra), sendo que tais preferências recaem sobre a música eletrônica e o rock (sobretudo em sua vertente do rock nacional), além do

pagode, funk, rap, reggae e samba. Ainda assim, parece se tratar de um *onivorismo de curta amplitude*, pois são raramente mencionados os gêneros mais bem estabelecidos na hierarquia cultural (caso da música clássica) e também os que recrutam os agentes mais destituídos de capital escolar como seus principais consumidores (casos da música evangélica, do sertanejo ou do forró).

Tabela 8 – Modalidades que caracterizam a zona 5 do “mapa” de gostos

musicais:

Variáveis	Modalidades	% da modalidade no grupo	% da modalidade na amostra	% do grupo na modalidade	Valor-t
eletrônica	eletrônica+	100,00	6,37	100,00	22,31
gêneros musicais	4 ou mais gêneros	50,72	18,01	17,95	6,32
rock	rock+	44,93	19,21	14,90	4,95
idade	18 a 24 anos	37,68	16,53	14,53	4,28
rock3	rocknat+ (rock nacional)	26,09	8,96	18,56	4,23
rap	rap+	20,29	6,09	21,21	4,04
escolaridade_mãe	ensino médio	31,88	14,40	14,10	3,71
reggae	reggae+	17,39	5,36	20,69	3,62

As preferências por diversos subgêneros do rock (rock nacional, clássico, contemporâneo), pela MPB e, em menor medida, pelo jazz (quase 30% dos que mencionaram esse gênero como seu favorito estão aqui), além da ausência de menções a gêneros da música popular como o samba, a outros culturalmente “indignos”, como o sertanejo, o rap, o funk, o pagode e a música evangélica, e até mesmo a um gênero que goza de maior valor simbólico, como a música clássica, caracterizam o gosto musical dos indivíduos localizados na zona seis. Abrigando pouco mais de 10% da amostra, esta zona tem entre seus protagonistas indivíduos que ocupam possivelmente as regiões superiores do espaço social, se considerarmos que a maior dotação em termos de credenciais escolares (26% com ensino superior completo ante 9,8% na amostra) e de capital

econômico (34,6% pertencem aos estratos superiores de renda ante 15,6%). Além disso, são predominantemente brancos e jovens (entre 25 e 34 anos).

Tabela 9 – Modalidades que caracterizam a zona 6 do “mapa” de gostos

musicais:

Variáveis	Modalidades	% da modalidade no grupo	% da modalidade na amostra	% do grupo na modalidade	Valor-t
rock	rock+	100,00	19,21	58,17	21,60
rock3	rocknat+ (rock nacional)	44,63	8,96	55,67	11,52
rock1	rockcl+ (rock clássico)	34,71	6,65	58,33	10,18
rock4	rock+	36,36	7,48	54,32	10,06
rock2	rockcnt+ (rock contemporâneo)	19,83	4,25	52,17	6,96
escolaridade	Ensino superior	26,45	9,88	29,91	5,54
mpb	mpb+	47,11	25,58	20,58	5,36
escolaridade_pai	Ensino superior	15,70	4,80	36,54	4,83

Por fim, a zona sete, que inclui quase 7% da amostra, está organizada em torno das preferências pela música clássica (mais de 90% dos que mencionaram este gênero como favorito estão aqui), jazz, MPB e rock, e da ausência de menções ao sertanejo, forró e pagode (diferentemente do “choro” e do “samba de raiz”, que recebem menções mais frequentes, o que possivelmente demonstra a existência de hierarquias culturais dentro do gênero musical mais amplo ao qual se denomina “samba”).

Tabela 10 – Modalidades que caracterizam a zona 7 do “mapa” de gostos

musicais:

Variáveis	Modalidades	% da modalidade no grupo	% da modalidade na amostra	% do grupo na modalidade	Valor-t
clássica	clássica+	100,00	8,13	92,05	22,70
gêneros musicais	4 ou mais gêneros	39,51	18,01	16,41	4,65
jazz	jazz+	14,81	3,88	28,57	4,07
escolaridade	ensino superior	22,22	9,88	16,82	3,31
sertanejo	sertanejo-	70,37	55,03	9,56	2,81

Em suma, as evidências que exprimem a existência de zonas e/ou de “comunidades de gosto” razoavelmente bem delimitadas no mapa de “gostos musicais” indicam com toda probabilidade a persistência de fronteiras simbólicas que conformam hierarquias culturais, questionando, com isso, a validade empírica do argumento da supostamente crescente individualização dos gostos e dos estilos de vida na chamada “modernidade tardia”. Embora existam evidências de que a fronteira entre “alta” cultura e cultura “popular” seja muito mais fluida do que parece (o que significa que não é desprezível a probabilidade de encontrarmos indivíduos que gostem de música clássica e de gêneros mais e menos “populares” da música brasileira, como a MPB ou o samba, como vimos a propósito da descrição das zonas seis e sete), é provável que persistam fronteiras de legitimidade conformadas pelas disputas travadas em cada campo em torno do valor dos bens e das práticas (por exemplo, a diminuta probabilidade de encontrarmos menções ao pagode, sertanejo ou forró como gêneros musicais preferidos nas referidas zonas, que concentram elevadas proporções de indivíduos dotados de maior capital escolar). Com base nisso, é possível argumentar, nesta primeira e breve aproximação sobre o tema, que a “tese das homologias” possibilita descrever mais acuradamente a relação empiricamente observável entre gosto cultural e pertencimento social.

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi o de explorar algumas das possibilidades oferecidas pelo uso da ACM (em combinação com a ACH) na pesquisa em Ciências Sociais. Como vimos, uma das principais vantagens no uso da ACM consiste na possibilidade de manipular muitas variáveis (categóricas) simultaneamente e de operacionalizar uma “concepção relacional” da vida social. Dependendo das questões de pesquisa que se quer responder, tais técnicas (que fazem parte de um conjunto mais amplo denominado AGD)

podem oferecer soluções bastante satisfatórias (ROOSE, 2016). Como vimos a partir de nosso exemplo, a ACM permite revelar os padrões subjacentes à distribuição de variáveis categóricas e suas modalidades, investigar como tais padrões estão associados a certas variáveis que mensuram características de nossas unidades de análise (que é um tipo de “análise estrutural”) e, também, mostrar como certas variáveis se combinam às dimensões ou eixos observados por meio da ACH. Em virtude dessas possibilidades, a ACM, combinada ou não com ACH, tem sido muito empregada em pesquisas nas áreas de sociologia cultural e da estratificação social, que têm como objeto a relação entre hierarquias simbólicas/culturais e pertencimentos sociais, embora, obviamente, tais campos de investigação não esgotem a possibilidade de seu uso.

Bibliografia

- BENZÉCRI, J. P. *Correspondence Analysis Handbook*. Nova Iorque, Dekker, 1992.
- BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre; São Paulo, ZOUK; EDUSP, 2008.
- GREENACRE, M. *Correspondence Analysis in Practice*. Londres, Chapman and Hall / CRC, 2007.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
- KARADEMIR, I.; WARDE, A. “The cultural omnivore thesis: methodological aspects of the debate.” In: HANQUINET, L.; SAVAGE, M. *Routledge Handbook of the Sociology of Art and Culture*. Londres; Nova Iorque, Routledge, 2016.
- LE ROUX, H.; ROUANET, H. *Multiple Correspondence Analysis*. Londres, Sage, 2010.

_____. *Geometric Data Analysis: from correspondence analysis to structured data analysis*. Kluwer, Dordrecht, 2004.

LIZARDO, O.; SKILES, S. “After omnivorousness: Is Bourdieu still relevant?” In: HANQUINET, L.; SAVAGE, M. *Routledge Handbook of the Sociology of Art and Culture*. Londres; Nova Iorque, Routledge, 2016.

PEREIRA, J. V. *Classes e Culturas de Classe das Famílias Portuenses: classes e ‘modalidades de estilização da vida’ na cidade do Porto*. Porto, Edições Afrontamento, 2005.

PETERSON, R. “Problems in comparative research: the example of omnivorousness”. *Poetics*, 25, pp. 75-92, 2005.